

VIII

Seminário Internacional

políticas culturais

23 a 26 de maio de 2017 - Rio de Janeiro

Anais

Organizadores

Lia Calabre

Maurício Siqueira

Marcelo Viana

Deborah Rebello Lima

Seminário Internacional Políticas Culturais (8. : 2017 : Rio de Janeiro, RJ)

Anais do VIII Seminário Internacional de Políticas Culturais, 23 a 26 de maio de 2017, Rio de Janeiro / Organizadores, Lia Calabre... [et al.] – Rio de Janeiro : Fundação Casa de Rui Barbosa, 2017.

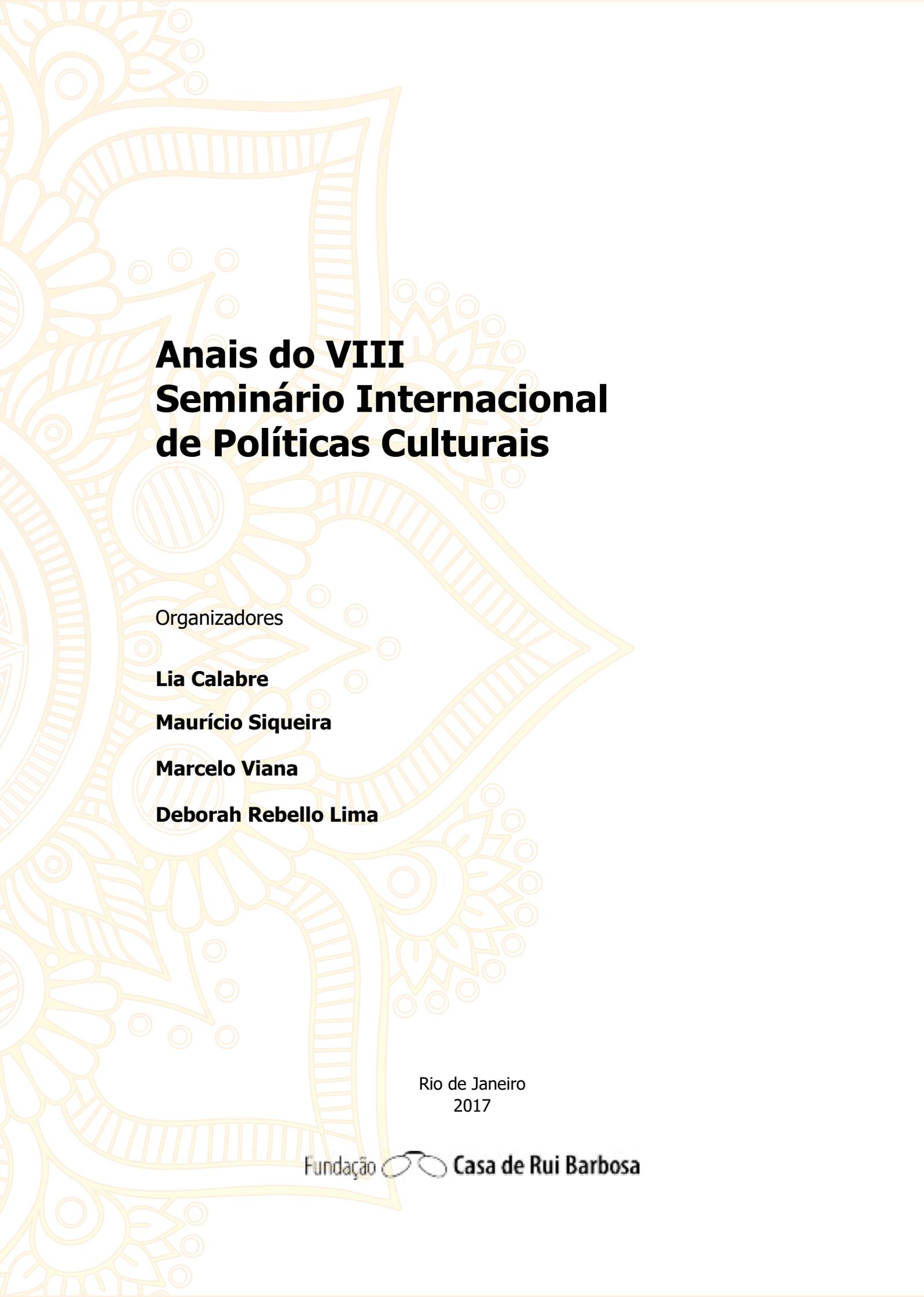
1 ebook (1.224 p.).

Modo de acesso: World WideWeb: <URL>

ISBN 978-85-7004-356-6

1. Política cultural. I. Calabre, Lia, org. II. Siqueira, Mauricio, org. III. Viana, Marcelo, org. IV. Lima, Deborah Rebello, org. V. Fundação Casa de Rui Barbosa. VI. Título.

CDD 306



Anais do VIII Seminário Internacional de Políticas Culturais

Organizadores

Lia Calabre

Maurício Siqueira

Marcelo Viana

Deborah Rebello Lima

Rio de Janeiro
2017

Fundação  Casa de Rui Barbosa

CIDADANIA DO AFETO: UMA REFLEXÃO DOS PONTOS DE CULTURA PELAS METÁFORAS DAS POLÍTICAS PÚBLICAS

*Cesar de Mendonça Pereira¹
Rúbia Aurenívea Ribeiro Lóssio²*

RESUMO: Nossa reflexão aponta que, saímos da sociedade da disciplina para a sociedade do desempenho e estamos caminhando para a sociedade das estatísticas. Além disso, a intolerância ganha destaque nas situações corriqueiras e a fugacidade dos acontecimentos evidenciam a lógica das culturas. Sabemos que os interesses são primordiais na elaboração de políticas públicas e buscamos a partir da Cidadania do Afeto uma nova possibilidade para a elaboração de políticas públicas. Dessa maneira, provocaremos o entendimento do direito não como uma defesa, mas como um exercício, na busca de novas ações a partir da educação e da virtude da felicidade nas maneiras de pensar e agir, aumentando a solidariedade e a participação dos cidadãos. O artigo tem como objetivo realizar uma reflexão das necessidades culturais, políticas e materiais da humanidade diante do agir das políticas públicas e sua fruição. Para tanto tomamos por base os Pontos de Cultura.

PALAVRAS-CHAVE: Cidadania do Afeto, Pontos de Cultura, Cultura Viva, Felicidade, Direitos Humanos.

1 Doutorando em Ciências da Cultura pela Universidade Trás-os-Montes e Alto Douro – UTAD, Analista em Ciência e Tecnologia da Fundação Joaquim Nabuco, cesar.pereira@fundaj.gov.br

2 Doutora em Sociologia pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB, Professora do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, rubia@leaosampaio.edu.br



INTRODUÇÃO

Nossa proposta tem como reflexão, as nuances da cidadania afeto pelas manifestações das metáforas existentes na construção e regulamentação das políticas públicas. Este artigo teve por base a pesquisa, “A Estadualização dos Pontos de Cultura no Estado de Pernambuco”, realizada pela Fundação Joaquim Nabuco, oportunidade que observamos o envolvimento dos indivíduos com a política pública pesquisada. Percebemos que a interação existente nos coletivos ia além de uma relação cordial, existia afeto. Este artigo é uma combinação de metodologia e estética, pela descrição, clareza e explicação do fenômeno social.

“De que adianta ser pássaro quando não se tira os olhos do chão”. O poeta português Valter Hugo Mãe (2009) em seu livro - A verdadeira História dos Pássaros, revela que a humanidade, nos últimos tempos e em todos os aspectos da vida, vem esquecendo o sentido da convivência. Segundo esta interpretação, do referido trovador, iniciaremos nossas reflexões a partir da provocação em analisar os direitos humanos como um exercício na promoção da cidadania do afeto a partir da sociologia do efêmero e das cidades no processo de urbanização. Nesse sentido, cabe registrar que a sociedade atual compreende os direitos humanos como uma defesa e não como um exercício no cotidiano de suas vidas. Desde cedo, aprendemos a revidar e não a interpretar as nossas atitudes diárias. Nossa reflexão aponta que, saímos da sociedade da disciplina para a sociedade do desempenho e estamos caminhando para a sociedade das estatísticas. Além disso, a intolerância ganha destaque nas situações corriqueiras e a fugacidade dos acontecimentos evidenciam a lógica das culturas. Isso pode ocorrer diante da sociedade confundir, vontades com interesses, promovendo uma sociedade das prerrogativas incrédulas.

Para tanto, encontramos na cidadania do afeto, o processo de intervenção, construído na educação e no desenvolvimento sustentável, a partir de ações que surgem no imaginário das culturas para desestabilizar toda forma de prejudicar o outro, como uma possível saída para minimizar a fragilidade e ambiguidade existentes nos Direitos Humanos, que por sua vez, sofre rebatimento na construção e regulamentação das políticas públicas.

O artigo tem como objetivo realizar uma reflexão das necessidades culturais, políticas e materiais da humanidade diante do agir das políticas públicas e sua fruição. Para tanto tomamos por base os Pontos de Cultura, que são a principal ação do Programa Nacional de Cultura, Educação e Cidadania - Cultura Viva, instituído através da Portaria N° 156 de 06 de julho de 2004. São ações desenvolvidas pela comunidade que, após a seleção em edital público, ganham o reconhecimento do Estado e passam a receber aporte de recursos para aplicar conforme o plano de trabalho composto por eles.

Uma Política Pública trata das diretrizes sociais, priorizando os direitos sociais dos cidadãos, envolve os recursos públicos e é conhecida como ação do Estado em benefício da sociedade: “Políticas públicas são formas de políticas implementadas pelo Estado, cujo objetivo é garantir o consenso social mediante iniciativas que contribuam para a redução das desigualdades e controle das esferas da vida pública para garantir os direitos dos cidadãos” (MORAES, 2006, p.3).

No entendimento desse autor, as políticas públicas não são criadas para imposição de medidas, mas em prol de vida cidadã. Canclini (1987, p.65) já abordava sobre a orientação do Estado em relação às Políticas Públicas Culturais, que a considera como sendo intervenções do Estado, das instituições civis e dos grupos comunitários organizados com o fim específico de orientar o desenvolvimento simbólico, satisfazer as necessidades culturais da população e obter consenso para transformação social.



A multidisciplinaridade de uma política pública, envolvendo áreas do saber distintas como, por exemplo, da sociologia, economia, administração e ciência política levam a uma análise, segundo Souza (2007, p.25) que remete à sociedade, à política, à economia e ao próprio Estado. Esse aspecto

multidisciplinar da política pública refere-se, por conseguinte, às questões que envolvem o poder, incluindo a esfera pública, a democracia, a cidadania e a participação popular. Portanto, é essencial a política pública emergir do acordo entre Estado e sociedade civil.

Revela-se que esse estudo provoque uma nova interpretação e participação no cotidiano das pessoas nas cidades, diante da sociedade em redes por uma potência no agir de ideias sustentáveis e afetuosas. Pois, não há sustentabilidade sem afeto.

Diante disso, tomando como princípio o aspecto da interpretação pela construção, expansão, destruição, delimitação, poder, regulamentação e o futuro das cidades, privilegiaremos um debate entre relações de poder, utopias da urbanização, ambiguidades nos direitos humanos, e as metáforas existentes nas políticas públicas que propõem uma integração social sem a espontaneidade e os afetos existentes nas relações sociais. Cabe também, a interpretação do uso da moral e da ética no cotidiano das pessoas e de seus interesses no imaginário das sociedades.

Primeiramente queremos esclarecer porque o afeto na cidadania e depois por que as metáforas nas políticas públicas. Ora, se as políticas públicas promovem e provocam ações de integração social no direito à cidadania, qual seriam então, seus pontos fracos que acabam por gerar concorrências, em vez de assegurar a participação dos cidadãos na sociedade?

DIREITO À CIDADE

Impossível não pensar em direito à cidade sem pensar em projetos de políticas públicas. As cidades são em sua maioria concebidas com expectativa de futuros, se transforma a partir de afetos e metáforas.

Em *A metrópole e a cultura da diferença*, Richard Sennet revisita essa ideia da representação da cidade, como círculo que encerra uma cruz, e lembra a oposição entre dentro e fora, a tensão entre o expansionismo (comércio/guerra) e o recolhimento, a oposição entre guerra e paz. Desde sua fundação, a cidade e sua representação estariam caracterizando duas tendências contrárias da civilização humana: a expansão para além de suas fronteiras (cruz/grade) e a defesa com muralhas fortificadas (círculos/muros). A cidade expressa ao mesmo tempo construção e expansão *versus* destruição e delimitação. Sennett introduz ainda outras oposições que em diferentes épocas da história das cidades foram hegemônicas, como a oposição entre cidade e natureza, entre civilização, entre “urbs” e “civitas”, recuperando com esta última o binômio introduzido pelo espanhol Cerdas do século XIX. Segundo os dois autores, “urbs” estaria se referindo ao aspecto material, urbanístico de uma cidade, com seu traçado urbano das ruas, suas casas, praças, palacete; enquanto “civitas” representaria o aspecto sócio-político da organização dos moradores (FREITAS, 2003).

Então, mesmo difícil de definir as cidades, buscaremos uma interpretação a partir dos interesses afetuosos. O funcionamento das cidades perpassam pela cidadania, acessibilidade e interesses. Além das teorias comunicacionais que ditam comportamentos e novas formas de interações sociais. Seria então, as cidades um espaço de condição plural, entre afetos e metáforas? Seria um grande centro de interesses distintos que esbarram nas projeções de projetos de políticas públicas, que ora engrenam ou ora estancam? Apontamos, ou melhor, provocamos o leitor a pensar, qual a primeira imagem que surge em sua mente quando pensamos nas cidades? Talvez seja de trabalho, território, edifícios e shopping



centers, todas as nossas conexões de um cotidiano dinâmico e estressante. O sociólogo Richard Sennett (2012) em seu livro – A corrosão do caráter no capitalismo: as consequências pessoais do trabalho no capitalismo afirma que, as qualidades do bom trabalho não são as mesmas do bom caráter. Dessa maneira, as políticas públicas desenvolvem programas voltados para ideia do bom trabalho. Para tanto, a ideia de sofisticação de sede de poderes existentes nas cidades, destroem toda sensibilidade existente nos seres humanos.

Toda cidade é, do ponto de vistas geoeconômico, isto é, das atividades econômicas vistas a partir de uma perspectiva espacial, uma localidade central, de nível maior ou menor de acordo com a centralidade – ou seja, de acordo com a quantidade de bens e serviços que ela oferta, e que fazem com que ela atraia compradores apenas das redondezas, de uma região inteira ou, mesmo, de acordo com o nível de sofisticação do bem ou serviço, do país inteiro e até de outros países...A cidade é um centro de gestão de território não apenas não apenas enquanto sede de empresas (privadas e estatais), mas também enquanto sede de poder religioso e político.(SOUZA, 2013).

Podemos perceber que há na atualidade uma crise geopolítica e estética numa constante reconstrução das cidades e nas relações das pessoas com as cidades. Isso remete ao caminhar das cidades nos espaços de fluxos onde o tempo é a riqueza do instante. Torcer para que o tempo passe rápido, torna a vida apenada, revelando uma manifestação espacial em função das normas em sociedade. Desse modo, há uma economia de afetos em todos os aspectos da vida, que refletem nas relações sociais com o aumento da violência física e verbal. Essa vida “grotesca” das pessoas que vivem nas cidades passa a perder dos laços que os unem esquecendo as diferenças que os enriquecem.

Então, as relações entre virtude de caráter e felicidade existente na ética, que está na Eudaimonia, pensada pelo filósofo Aristóteles e presente nos escritos de Espinosa, conota que a humanidade é comunicação, e que hoje há uma fabricação de virtudes.

No decorrer dos tempos a felicidade foi abordada de distintas maneiras, Cohen (2010) apresenta a “felicidade” situada em nove sentidos distintos: predestinada, virtuosa, espiritual, beata, humanista, social, química, consumista e evolutiva.

SENTIDO	PERÍODO	CARACTERÍSTICAS	FILÓSOFOS
PREDESTINADA	Antiguidade Ocidental	Os gregos acreditavam que a felicidade era uma dádiva dos deuses (perfeição divina), e que só era possível ter certeza da felicidade ao final da vida.	“Reduzindo ao máximo os meus desejos, estou mais próximo dos deuses.” (Sócrates <i>apud</i> Cohen 2010: 26)
VIRTUOSA	Antiguidade Ocidental	Aceitar o momento presente. Prazer do instante. Homem ao conseguir ser superior aos seus instintos, o prazer ficaria em harmonia.	“O prazer é o princípio e o fim do viver feliz. Ele é o bem primeiro e inato, e é baseado nele que devemos concretizar as nossas escolhas e as nossas aversões.” (Epicuro <i>apud</i> Cohen 2010: 33).
ESPIRITUAL	Antiguidade Oriental	O recolhimento permite que o indivíduo conheça a verdadeira felicidade. A utilização de técnicas permite chegar à paz interior.	“A principal característica da felicidade genuína é a paz interior.” (Dalai Lama <i>apud</i> Cohen 2010: 49). “Trata-se de um estado de plenitude que vem de dentro, e não depende de coisas externas ou posses.” Chopra <i>apud</i> Cohen 2010: 49-50



BEATA	Idade média	Como o pós-morte era desconhecido, o desapego às coisas materiais deste mundo era imprescindível. A viagem entre o mundo físico e o mundo espiritual era uma constante. Havia uma necessidade de transformação interior (Cohen 2010: 70)	“Se você acredita que a felicidade eterna o aguarda após a morte, isso pode ajudar a suportar em vida a infelicidade... Como sou ateu, vejo nisso mais uma armadilha que uma tentação. Não vou esperar morrer para ser feliz. O fato de, para mim, nada existir após a morte é um motivo a mais para viver da melhor maneira possível” (Comte-Sponville <i>apud</i> Cohen 2010: 73).
HUMANISTA	Idade Moderna – Iluminismo	Sociedade guiada pelo pensamento científico e fé no progresso. Engajamento político, sociedade em condição de tornar o mundo melhor.	“A felicidade não é um ideal da razão, mas da imaginação”. (Immanuel Kant <i>apud</i> Cohen 2010: 84). “A felicidade é a única coisa que podemos dar sem possuir”. (Voltaire <i>apud</i> Cohen 2010: 83). “A História não é o palco da felicidade; nela, os períodos de felicidade são páginas em branco”. (Freidrich Hegel <i>apud</i> Cohen 2010: 90).
SOCIAL	Final do século XX, início do século XXI	O bem estar social é a nova ordem	“A felicidade não depende do que nos falta, mas do bom uso que fazemos do que temos”. (Thomas Hardy <i>apud</i> Cohen 2010: 73).
CONSUMISTA	Tempos modernos. Ideal iluminista em regime capitalista: “ser feliz por possuir”.	“Século XXI: asas para conquistar os céus; garras para fincar no solo. E olhos para escolher o que enxergar” (Cohen 2010: 135).	“Mais vale um punhado de lazer que duas mãos cheias de esforço a correr atrás do vento” (Bíblia, Eclesiastes). “A nossa felicidade depende mais do que temos nas nossas cabeças do que nos nossos bolsos” (Arthur Schopenhauer <i>apud</i> Cohen 2010: 146).
QUÍMICA	Século XXI	“A aptidão para ser feliz é, em grande parte, herdada dos pais”. Psicólogos identificaram genes comuns com características que predisõem as pessoas para a felicidade (Bucay e Weiss <i>apud</i> Cohen 2010: 125). A genética é responsável em 50% pelo grau de felicidade experimentado por um indivíduo, enquanto eventos como casamento bem sucedido, bom emprego, ganhar na loteria respondem por 8% (Lykken <i>apud</i> Cohen 2010: 128). Apesar da aptidão natural Lykken considera que o esforço para alcançar a felicidade pode ajudar (Cohen 2010: 129).	“Não é o corpo que é insaciável. O desejo ilimitado que nos condena ao supérfluo à insatisfação, à infelicidade, é uma doença da imaginação”. (André Comte-Sponville <i>apud</i> Cohen 2010: 127).



<p>EVOLUTIVA</p>	<p>Rumo ao futuro</p>	<p>A ciência e a tecnologia são dominadas pelo homem, menos a evolução da espécie. “As leis que governam a felicidade não foram desenhadas para o nosso bem estar psicológico (...). Elas foram feitas para aumentar as chances de sobrevivência dos nossos genes a longo prazo” (Robert Wright <i>apud</i> Cohen 2010: 147).</p>	<p>“A felicidade não se encontra na felicidade, mas em sua conquista” (F. Dostoievski, escritor Russo). “Felicidade é a certeza de que a vida não está passando inutilmente” (Erico Veríssimo <i>apud</i> Cohen 2010: 156).</p>
-------------------------	-----------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Quadro 1: Sentidos da felicidade (Adaptado a partir de informações coligidas por Cohen 2010)

Essa fabricação de virtudes e caráter impede o desenvolvimento da cidadania. Pensando nesse aspecto, a cidadania é um exercício do direito na moral e na ética, na participação da vida política. Embora esse exercício de participação seja entendido como defesa e não como um exercício constante entre a moral (atitudes individuais) e a ética (atitudes coletivas), recai nas esferas das metáforas das políticas públicas.

O uso do conceito afeto nos remete à noção de Vida Afetiva que está explícita na Ética de Espinosa e discutida didaticamente por Marilena Chauí – em seu livro, Desejo, paixão e ação na ética de Espinosa. Por afeto, podemos entender as formas como o nosso corpo e a nossa mente são “afetados” por fatores internos e externos, os quais podem aumentar ou diminuir a nossa potência de agir socialmente. Uma palavra importante para entender essa potencialidade de nossas ações no cotidiano é “Conatus” – a nossa força, a nossa essência de autopreservação. Assim, o afeto é o dinamismo que usamos para impulsionar o viver (o motor de arranque). Espinosa estabeleceu, em sua ética, três afetos básicos: alegria, tristeza, e desejo. Marilena Chauí (2011, p. 11) explica pedagogicamente: “Quando a alegria é acompanhada de uma causa externa, chama-se amor; quando a tristeza é acompanhada de uma causa externa, chama-se ódio; quando o desejo é alegre, chama-se contentamento; quando triste frustração” (PEREIRA, 2013).

USO DE METÁFORAS NA CONSTRUÇÃO DAS POLÍTICAS PÚBLICAS

Para Hannah Arendt (2008), não há dois mundos, pois a metáfora os une. Porém, o uso das metáforas pode gerar mal-entendido. Isso é o que vem ocorrendo na construção de projetos e programas de políticas públicas. Há, contudo, uma ilusão imagética em acreditar que tudo deve estar direcionado para o bem. Somos seres inconstantes, a educação deve sempre ser pontuada e o direito é um exercício diário.

A integração em uma sociedade jamais será total. Indivíduos quebram regras, não respeitam valores compartilhados pela maioria, não preenchem corretamente seus papéis e suas atividades na divisão social do trabalho. Sempre, diria Durkheim, há uma certa dose de anomia nas sociedades. Anomia vem de a-nomos, em grego, o que significa perda de regra, de solidariedade, de comportamento coletivo. (HAGUETTE, 2003).

Observamos assim a dissonância existente na sociedade, onde os indivíduos estão procurando suprir as suas necessidades sem demonstrar preocupação pelo outro, ou seja, primeiro eu...segundo eu... terceiro, se possível, os outros. Da maneira que está posto, os menos favorecidos se encontram a mercê do seu destino. Faz-se necessária a intervenção do Estado através das políticas públicas. Considera-se pública a política desenvolvida nos espaços públicos, ou nos espaços cuja discussão centre, de maneira aberta, nas questões públicas. Conforme afirmação de Rubim (2010, p.155-156), em tais espaços os atores sociais são protagonistas e interferem nas decisões do poder público. O reconhecimento e o fomento, pelo Estado, da participação social, e a sociedade, por sua vez, pode (e deve) requerer esse



espaço com a participação e as tomadas de decisões do próprio Estado como nos indica Nogueira (2005, p.161): “espaços de discussão e negociação de políticas públicas, espaços de explicitação de conflitos e interesses, contrários, portanto, a qualquer ideia de processo harmonioso de delegação de poderes, em que existiriam apenas iguais”.

Ao tratar de política pública, remete-se a ações integrativas e compromissadas com as decisões públicas, de participação popular, ou seja, ações que envolvem a interferência dos atores sociais no desenvolvimento da política pública: “A representação democrática assenta na distância, na diferenciação e mesmo na opacidade entre representante e representado” (SANTOS, 2005, p. 238). Com isso, tem-se a distinção entre participação e representação política. Nessa última o sujeito transfere poderes a certa pessoa pública, como é o caso do voto nas eleições, em que se confere poder a alguém, no caso um político, sem necessariamente acompanhar a atuação pós-eleição desse político. A fim de que se concretize essa interação entre Estado e sociedade civil, há que se recorrer a uma gestão participativa, que se ocupará em promover essa integração: “conexões dinâmicas e criativas com a política: com a representação, seus espaços, atores e instituições, com partidos e eleições, com os tempos, os ritmos e a ética específica da política, em suma, com o Estado” (NOGUEIRA, 2005, p.156).

Políticas culturais são ações elaboradas e monitoradas pelo poder público, porém com base nos marcos legais jurídicos, ou seja, constituem-se conjuntos coordenados de ações e estratégias, com base na lei, com seus propósitos e ações previamente definidas no ordenamento jurídico para o campo da cultura. Tais ações, em consonância com os variados agentes sociais, são formuladas, planejadas e executadas pelo poder público seja administrativa ou financeiramente por meio de instrumentos normativos e de gestão, os quais têm por objetivo precípuo assegurar o pleno exercício dos direitos culturais mediante intervenções que disseminem, apoiem e incentivem a diversidade das manifestações e expressões humanas, assim como promovam o acesso aos bens e serviços culturais e salvaguardem o patrimônio cultural.

Nesse entendimento, há que se notificar a relação de “solidariedade” entre Estado e sociedade no que diz respeito às práticas culturais. Os Pontos de Cultura³ são exemplos concretos dessa relação dialógica, em que o Estado a partir de processo seletivo, por meio de editais, subsidia ações culturais já previamente estabelecidas na sociedade.

CARTOGRAFANDO A CIDADANIA DO AFETO

Qual seria o objeto de estudo das políticas públicas? A sociedade ou as cidades?

Diante dessa reflexão, buscaremos a partir da cidadania do afeto uma nova possibilidade para as ações nos programas e projetos de políticas públicas. Sabemos que os interesses são primordiais na elaboração dos programas e projetos de políticas públicas. Dessa maneira, provocaremos o entendimento do direito não como uma defesa, mas como um exercício, na busca de novas ações a partir da educação e da virtude da felicidade nas maneiras de pensar e agir, aumentando a solidariedade e a participação dos cidadãos. O

³ Os Pontos de Cultura são a principal ação do Programa Nacional de Cultura, Educação e Cidadania - Cultura Viva, instituído através da Portaria N° 156 de 06 de julho de 2004. São ações desenvolvidas pela comunidade que, após a seleção em edital público, ganham o reconhecimento do Estado e passam a receber aporte de recursos para aplicar conforme o plano de trabalho composto por eles.



mundo é codificado. Há de se considerar que o povo utiliza os símbolos para sua interação no trabalho e na vida. Na tentativa de driblar a única certeza que temos, que é a morte, a cultura se reinventa pela lógica da sociologia do efêmero.

Mapear ações que justifiquem o exercício da cidadania do afeto é uma alternativa para conhecermos atitudes das pessoas que vivem em comunidades para sobrevivência no trabalho e na vida. Assim, as culturas periféricas, entretanto, apresentam também em peculiar no seu determinado grupo ou comunidade uma própria comunicação onde as pessoas interagem umas com as outras, constituindo e construindo um sistema de comunicação próprio do lugar a partir de crenças e também da mídia. Por viverem em comunidade, analisaremos que a comunidade é “um entendimento compartilhado... O tipo de entendimento em que a comunidade se baseia precede todos os acordos e desacordos. Tal entendimento não é uma linha de chegada, mas o ponto de partida de toda a união. É um “sentimento recíproco e vinculante” _ “a vontade real e própria daqueles que se unem”; e graças a esse entendimento, e somente a esse entendimento, que na comunidade as pessoas “permanecem essencialmente unidas a despeito de todos os fatores que as separam”. (BAUMAN, 2003. p.15 e 16).

Então, é cabível de registro analisar a sociologia do efêmero pelos espaços polissêmicos de recriação na cultura e no cotidiano das pessoas. Pensamos que não há um retrato da sociologia do efêmero, mas sim, uma paisagem movida pela mobilidade dos acontecimentos. E através da fenomenologia e dos estudos da proxemia⁴ evidenciamos um tempo onde a memória tem prazo de validade. Tempo esse, que se esvai que se desmancha para ser renovado, recriado, ressignificado. Nesse sentido, a narração ganha novas formas a partir do imaginário dessas pessoas que são influenciadas pela mídia e preferem resumir suas narrativas para expor o seu cotidiano. Na verdade, não queremos traduzir esses espaços, nem resumi-los, queremos simplesmente mostrar as irigações existentes nesses espaços.

A sociologia do efêmero pode dar sentido aos modos, a estética, a moda a todos os símbolos que sofrem mobilidade para continuar no percurso da história. A codificação nada mais é que a descoberta de novas invenções, os códigos são reinventados para comprovarmos nossa evolução na história. Assim, o presente nunca foi tão instantâneo, tão efêmero em tempos de tecnologia da informação. Não há nada, mas satisfatório que a insensatez dos acontecimentos para a sociologia do efêmero. De tal modo, na confusão entre *status* e papel social, entre massivo e popular, e entre métodos e objetos a sociologia do efêmero navega pelo cruzamento de hipóteses.

A atitude dos acontecimentos deve ser considerada pela proxemia. O grau de proxemia revela que no cotidiano brota intencionalidade. Mesmo no mundo da era da autoexposição, a dúvida permanece, porque brotam dúvidas de como seria se não pudesse ser. Dessa maneira, as culturas periféricas estreitam os espaços pertencentes ao outro. Esses espaços são diminuídos pelos ônibus lotados, pelas paredes coladas com a casa do vizinho, pela diminuição do quintal, pelas aglomerações, pelas filas, entre outras experiências. Percebe-se então, que a cozinha se confunde com o quintal, o quintal se confunde com a própria rua, e a casa se confunde com a casa do vizinho.

As políticas públicas devem mapear ações de cidadania que proporcionem o bem estar na comunidade e que possam ser propagadas com intervenções e incentivos.

4 Termo elaborado por Edward T. Hall por volta de 1963 para descrever o espaço pessoal dos indivíduos em um meio social. Na verdade, a proxemia é a distância mensurável entre as pessoas conforme a interação e o processo de aculturação. Edward T. Hall demonstrou quatro tipos de distância: íntima, pessoal, social e pública. Vale salientar que essas distâncias envolvem os aspectos relacionados à cultura.



FUTURANDO: ARTE, ACESSIBILIDADE E AFETO

Nossa proposta é que o a projeção para o futuro esteja não apenas na projeção e sim na ideia de público, da coisa pública, do que beneficia todos. Seja nas políticas culturais, na segurança, educação, saúde e lazer.

Diante disso, a ideia de futuro para as sociedades devem estar associadas ao afeto, para que não se confundam vontade com medo, verdade com certeza e decisões com destino.

Em nossa pesquisa sobre os Pontos de Cultura questionamos os beneficiários sobre a contribuição dessas instituições para a comunidade, os principais impactos e resultados obtidos desde a criação dos Pontos de Cultura, o tipo de atividades das quais eles participavam nos Pontos de Cultura e se as atividades nos Pontos causaram mudanças em suas vidas, A partir dessas perguntas destacamos algumas falas sobre o que consideramos ser a concepção da Cidadania do Afeto.

Arte – A arte é imprescindível nesse conjunto de propostas para a construção da cidadania do afeto. Como exemplo, temos as atividades praticadas nos Pontos de Cultura, a saber: capoeira, teatro, dança, artesanato, fotografia, música, pintura, grafite, dentre outras.

Acessibilidade – Outra visão e noção na promoção da cidadania do afeto é o acesso para todos de maneira a facilitar o desenvolvimento das cidades e conseqüentemente das sociedades tanto no trato físico como político.

Afeto – Não há construção de uma boa política da convivência sem o afeto e a afinidade. O afeto contribui com a formação da cidadania. No sentido de reorganizar melhor o modo de vida.

De acordo com as seguintes opiniões, observa-se que os Pontos de Cultura têm um papel fundamental de acessibilidade e afeto, em especial junto aos jovens. Vejamos: “elevação da autoestima (...) eles se sentiam mortos e agora se sentem vivos”; “resgate da cultura local”; “geração de renda”; “tirar o jovem da ociosidade”; “retirou crianças da condição de vulnerabilidade social”; “mudança para melhor, no comportamento das crianças e jovens da comunidade”; “deu vida as crianças, aos jovens e, de certa forma, aos pais... à família de um modo geral”; “fortalecimento da cultura/identidade local”; “fortalecimento do protagonismo juvenil”; “depoimentos de pais indicam a mudança de comportamento dos jovens para melhor”; “reconhecimento por parte do Estado, do fazer

cultural local”; “o jovem como agente multiplicador: o jovem recebe a capacitação e tem que repassar para a sua comunidade”; “fez com que o município valorizasse a sua identidade cultural”; “empoderamento dos jovens”; “ressignificou o sentido da comunidade: fomos vistos sem ser pelo lado da marginalidade”; “mudança de olhar”; “tirar o estigma da violência e do tráfico de drogas da comunidade”; “inserir pessoas em espaços que antes não figuravam”.

Como se pode observar, essas palavras resumem as expressões que mais se destacaram: “Mudança comportamental nos jovens”; “Processo de alteridade, a juventude está mais confiante”; “Elevação da autoestima dos jovens da região”; “Conscientizar a comunidade que somos capazes de conseguir algo”. De acordo com essas opiniões, observa-se que os Pontos de Cultura têm um papel fundamental de empoderamento comunitário, em especial junto aos jovens.

Cabe registrar mais algumas alternativas sugeridas pelos coordenadores, referentes aos impactos causados pelos Pontos de Culturas: “Movimentou a cena cultural do município, nós temos uma cidade rica em artistas e o Ponto proporcionou o conhecimento desses artistas”; “Articular as manifestações culturais locais para um amadurecimento do fazer cultural”; “Reconhecimento por parte



dos poderes públicos do trabalho existente”; “Aumentou o censo crítico da comunidade, criticar o que não estava correto”; “Os beneficiados se sentiram vivos, os olhos deles brilharam”.

Diante do que foi dito, percebe-se a importância dos Pontos com relação às manifestações culturais existentes e com a valorização da cultura local, como também para o desenvolvimento do senso crítico dos indivíduos.

Consideramos importante destacar alguns depoimentos que chamaram a atenção durante a pesquisa empírica: “Perdi três crianças para as pedras⁵”, referindo-se a três adolescentes que sucumbiram por conta do uso do *crack*; “Recuperação de crianças em risco social” e “Resgate de vidas” são depoimentos marcantes, sobretudo o primeiro em que uma coordenadora lamenta ter perdido integrantes de seu Ponto para uma das drogas mais violentas. Isso mostra a pertinência da criação de políticas públicas culturais, a exemplo dos Pontos de Cultura, para que haja redução da exposição de jovens às mazelas contemporâneas.

Ao questionar os beneficiados se as atividades nos Pontos causaram mudanças em suas vidas. Apenas duas pessoas disseram que não perceberam mudanças, enquanto que uma disse que não sabia responder tal pergunta. Dessa forma, pode-se afirmar que a grande maioria, mais de 96%, afirmam em seus depoimentos que as atividades nos Pontos de Cultura transformaram suas vidas, o que prova a representatividade dos Pontos em termos de viabilizar mudanças positivas.

Vejam alguns depoimentos: “Valorizar a cultura do nosso povo”; “Me fez ter certeza que a nossa cultura não morrerá”; “Conhecimento cultural, maior percepção da importância da cultura”; “Conhecimento real do modo de viver das comunidades, seus costumes”; “Maior compreensão da cultura indígena”; “Proporcionou mais sensibilidade em relação à cultura”; “Mais informações sobre a cultura local”; “Aprendi mais sobre manifestações culturais”; “Conheci as manifestações culturais do povo negro”; “Valorizei mais a cultura negra”; “Percebi a importância da cultura em nossas vidas”; “Minha integração maior com a comunidade e um maior conhecimento da nossa cultura e maior divulgação de nossas raízes”; “Valorização da cultura popular pernambucana”; “Facilitou a compreensão para o mundo fantástico da arte”. Estes depoimentos demonstraram o quanto a consciência da relevância cultural faz parte da realidade desses beneficiados pelos Pontos.

Seguem-se outros depoimentos: “Conhecer os obstáculos do dia a dia do trabalho com os jovens”; “Aumentou os meus conhecimentos”; “Aumentou a minha capacidade de planejamento em atividades diversificadas”; “Modificou a maneira de aprender em minha vida”; “Aprendizagem contínua, novas oportunidades”; “Transmitir a minha arte para os jovens e crianças”; “Dedicar tempo ao trabalho comunitário”; “Conhecimento, vivência e aprendizagem”; “Trouxe para a minha comunidade equipamentos modernos”; “Minha vida mudou por conta da experiência que eu absorvi no decorrer das oficinas de teatro”; “Conhecimento em outras áreas”; “Poder transmitir para as crianças o que sei”; “Interesse pelos trabalhos da região”; “Aprendizagem estou tendo novas oportunidades. Estou feliz em trabalhar no ponto mesmo sem ganhar dinheiro”; “Adquiri conhecimento sobre políticas públicas”; “Aprofundei meus conhecimentos da capoeira”; “Formação política, cidadania, participação social”; “Foi um enorme aprendizado profissional e tem sido uma grande experiência profissional”; “Mudei o meu jeito de pensar o mundo”; “Melhorei a articulação de ideias”; “Compartilhar conhecimento com outras pessoas, valorizando o ser humano e suas diversas culturas”.

Quando os favorecidos mencionaram a palavra “conhecimento”, estavam se referindo ao

5 Forma como o *crack*, subproduto da cocaína, é conhecido popularmente.



crescimento de seus conhecimentos, ao compartilhamento dos seus conhecimentos com os demais e, sobretudo, à formação profissional concedida pelos Pontos. Palavras e expressões como “experiência”, “aprendizagem” “capacidade de planejamento” e “dedicação de tempo” também estão fortemente ligadas ao conhecimento proporcionado pela participação nas atividades promovidas pelos Pontos.

Vale destacar estes depoimentos: “Comunicação com outras comunidades”; “Fiz novas amizades tendo uma nova expectativa de vida”; “Participar de eventos culturais”; “Tornei uma pessoa mais inteligente”; “Convivência com outras pessoas”; “Vivenciar novas experiências”;

“Estimular o trabalho social”; “Maior integração com as pessoas do lugar onde moro”; “Saber que existo, sou um cidadão”; “Transformação”; “Tenho conhecido e me aproximado de pessoas surdas e aprendido sobre vários aspectos da vida em sociedade, na política, na educação, nas subjetividades das pessoas. Penso o mundo de uma maneira diferenciada”; “Conseguir me expressar de uma maneira melhor”; “Amizades construídas”; “Aprendi a me comunicar melhor com as pessoas”; “Minha vida mudou totalmente. Aprendi a me comunicar melhor, a trabalhar em conjunto e a utilizar tecnologias”; “Trabalhar em conjunto e com o público”; “Levantou a minha autoestima”; “Relacionamento interpessoal”; “Fiz novas amizades”; “Diversão, transformação e conhecimento”; “Passei a ter mais contato com as pessoas da área rural e vi que elas também são muito ricas em cultura e talento, é só ter oportunidade”; “Superei todos os meus medos”; “Aprendi a respeitar as classes sociais e ver e tratar as pessoas sem preconceito”; “O conhecimento e o interesse, porque, nós jovens, nunca tivemos algo assim, mas a partir desse momento nós todos participamos com interesse. Tivemos oportunidade e conhecimento, pois nunca tivemos algo assim”; “Construí amizades com pessoas tão simples, proporcionar felicidade através da cultura. A minha gratificação é ver o sorriso nos lábios e nos olhos de uma criança e das mães”; “Interação com os integrantes”.

Os beneficiados dos Pontos, como sujeitos sociológicos, cuja identidade é construída na interação com o outro, demonstram fortemente valorizar a interação humana, representada pela palavra “pessoas”. No contato com outros sujeitos com os quais se identificam, demonstram sentir, gratidão, aprendizado, transformação, superação e felicidade.

Por fim, conclui-se que os Pontos de Cultura promovem mudanças positivas na vida de seus beneficiados através da valorização da cultura, da expansão do conhecimento, da integração com a comunidade e da vivência de novas experiências.

Além de investigar qual a mudança que os Pontos de Cultura trouxeram para as vidas dos beneficiados, também procuramos saber quais foram as contribuições levadas para as comunidades.

Seguem alguns depoimentos: “As pessoas estão participando mais dos eventos culturais por causa do trabalho do ponto”; “Maior entendimento político, movimentação cultural”; “Valorização da cultura nordestina”; “Contribuiu em vários aspectos da: cultura, sociedade, estratégias educacionais, identidade, história, memória, sociologia...”; “Reconhecimento dos mestres de saber na cidade e também da cultura que não era muito valorizada”; “Conhecimento sobre a cultura que não era valorizada e também não era muito conhecida no município”; “Reconhecimento do trabalho dos mestres”; “Resgate da cultura tradicional de origem indígena, divulgação da comunidade enquanto quilombola e a promoção de atividades que não existiam”; “Apoio maior a pequenas comunidades e grupos artísticos”; “A comunidade passou a conhecer mais da cultura e os mestres”; “Oportunidade de conhecimento em todos os sentidos e facilitou para que cada um descobrisse seus próprios talentos”; “Desenvolvimento sociocultural para a comunidade, bem como a inclusão cultural”; “Deu oportunidade para talentos escondidos aparecerem



e trouxe a inclusão cultural e social para a comunidade”; “Reativou a nossa cultura indígena; Mostrar e divulgar a cultura popular, já que a cidade é muito carente nesse sentido, incentivar os jovens para a cultura em geral. Mudar a forma de pensar dos jovens e da população através do teatro”; “Promoveu o acesso à formação, incentivou os mestres, despertou vocações, acesso a eventos culturais, fortalecimento de movimentos populares”; “Fortalecimento dos movimentos culturais e participação de pessoas em atividades culturais”; “Resgate de culturas esquecidas, oportunidade para os jovens, como oficinas de teatro, dança, informática”; “Dar valor a sua cor, a sua raça (negra)”; “Resgatar a cultura local, oportunidade de conhecer e vivenciar a cultura de seus antepassados”; “Divulgação da cultura indígena a nível local, estadual e nacional”.

Pode-se observar nesses depoimentos a preocupação em destacar a valorização, o fortalecimento e o resgate das culturas. Há um reconhecimento geral sobre a importância da cultura na vida dos beneficiados pelos Pontos, os quais compreendem o seu papel de inclusão junto à sociedade. Ressalta-se ainda entre eles o reconhecimento do trabalho dos mestres no fazer cultural, conferindo-lhes o merecido destaque.

Uma palavra de grande destaque foi “jovens”, como se pode verificar pelos depoimentos a seguir: “Dar ocupação aos jovens, mostrando como é possível crescer com responsabilidade”; “Dar outro caminho para as crianças”; “Tirar as crianças e adolescentes das ruas”; “Acessibilidade de leitura e internet, coisa que não tinha, tirando jovens das drogas e tornando cada um deles jovens com saúde e fora da violência das ruas”; “Diminuir o tempo ocioso das crianças”; “Participação da comunidade. Os jovens e as crianças estão fazendo algo que eles gostam e se sentem bem”; “Incentivar a cultura popular, interação entre os jovens das escolas públicas, mudança de relacionamento entre jovens e familiares”; “Interação dos jovens da comunidade com o maracatu e com a cultura popular”; “Promover o resgate da cultura popular, dando visibilidade. Oportunizou a inclusão e interação de adolescentes da comunidade que se sentiam à margem da sociedade e hoje tiveram a autoestima trabalhada se reconhecendo como autor de sua própria história”; “Tirar adolescentes e jovens da ociosidade e colocá-los para construir uma nova expectativa de vida cidadã e profissional”; “Envolver os jovens, crianças e a família nas atividades promovidas. Engajamento”; “Tirar os jovens das ruas”; “Despertou a juventude para a cultura geral”.

Verifica-se pelos depoimentos grande preocupação de retirar os jovens da ociosidade através de uma ocupação motivadora, em que eles possam se sentir produtivos, participando efetivamente de atividades culturais; com isso, eles são oportunizados a sentirem-se autores de sua própria história.

Outras palavras com elevado índice de recorrência foram “comunidade”, “oportunidade” e “conhecimento”, como pode ser observado nestes depoimentos: “Conhecer mais sobre os meus direitos como cidadão”; “Maior apropriação das ferramentas políticas e sociais”; “Acesso a novas tecnologias”; “A importância de registro da memória e da história como fortalecedor da identidade positiva do surdo. O ponto tem contribuído diretamente para o fortalecimento da comunidade”; “Os esclarecimentos que as capacitações e as palestras proporcionaram e os recursos financeiros ajudaram a divulgar mais a nossa comunidade”; “Oportunidade para todos, onde tiveram a chance de fazer algo que gosta, o que antes não existia”; “Oportunidade de levar novos conhecimentos e cultura, descobrir novos talentos, incentivar e desenvolver o potencial de cada pessoa através de palestras e oficinas, diversão através de filmes educativos”; “Transformação, inclusão, formação, aceitação das diferenças, nos jovens e sociedade em geral através das atividades realizadas”; “Oportunizar a criação, estimulou a arte”; “Ensinar as pessoas a pescarem e descobrirem dentro de si que são capazes, que dentro de si existe um tesouro que esperava por essa oportunidade, fez um bem enorme a muitas famílias”; “Trouxe oportunidades



para a comunidade, tais como, curso de informática, cinema, oficina de bolos e tortas, panificação, artes plásticas e dança”; “Integração entre as comunidades vizinhas”; “Conhecimento e debate sobre a criação de políticas públicas para solucionar e resolver os problemas da cultura”; “Fortalecimento da convivência de comunidades rurais”; “Reconhecimento de talentos culturais”; “Apoio maior a pequenas comunidades e grupos artísticos”; “A oportunidade de conhecer e resgatar a nossa cultura (quilombola)”.

As palavras “comunidade”, “oportunidade” e “conhecimento” tiveram grande representatividade nos depoimentos, demonstrando com isso o despertar da consciência política e da cidadania entre eles. Esse despertar é devido à importância conferida à aquisição de conhecimento, como ponto de elevação da autoestima desses beneficiados dos Pontos, beneficiando com isso a própria comunidade.

CONCLUSÃO

Acreditamos que o imaginário dos referidos beneficiados não se limitam apenas no fornecimento das ações das políticas públicas, mas, nas questões afetivas. O despertar da consciência política perpassa pela intersecção nas formas de conhecimento, pelo aconchegante coletivo e nas vontades de agir. Assim, a cidadania do afeto encontra nos Pontos de Cultura uma reflexão nas metáforas das políticas públicas.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARENDDT, Hannah. *A vida do espírito: o pensar, o querer, o julgar*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

CANCLINI, Néstor Garcia. *Políticas culturales y crisis de desarrollo: un balance latinoamericano*. In: CANCLINI, Néstor Garcia (Org.). *Políticas culturales en América Latina*. México: Grijalbo, 1987.

COHEN, Marleine. *A história da felicidade: uma palavra singular com sentido plural*. São Paulo: Saraiva, 2010.

FREITAG, Bárbara. *Utopias urbanas*. In: BARREIRA, César (Org.). *A sociologia no tempo: memória, imaginação e utopia*. São Paulo: Cortez, 2003. P 214-237

HAGUETTE, André. *A sociologia e você*. Fortaleza: Book Editora, 2003.

MÃE, Valter Hugo. *A verdadeira história dos pássaros*. Matosinhos: Booklândia, 2009.

MORAES, Sheyla Rosana Oliveira. *Juventude e políticas públicas: o descobrimento do papel do jovem na transformação de sua realidade social e educacional*. Internet. Disponível em http://www.enapet.ufsc.br/anais/JUVENTUDE_E_POLITICAS_PUBLICAS_O_DESCOBRIMENTO_DO_PAPEL_DO_JOVEM_NA_TRANSFORMACAO_DE_SUA_REALIDADE_SOCIAL_E_EDUCACIONAL.pdf (consultado em 05 de abril de 2008).

NOGUEIRA, Marco Aurélio. *Um Estado para a sociedade civil: temas éticos e políticos da gestão democrática*. São Paulo: Cortez, 2005.

PEREIRA, Wellington. *A construção do afeto no jornal impresso (jornalismo a more geométrico)*. Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal da Paraíba, Ano VI, n. 11 – jul-dez/2013.

RUBIM, Antonio Albino Canelas. *Conselhos de Cultura: atribuições, caráter, composição e democracia*. In: RUBIM, Albino; FERNANDES, Taiane; RUBIM, Iuri. (Orgs). *Políticas culturais, democracia e conselhos de cultura*. Salvador: EDUFBA: 147-165, 2010.

SANTAELLA, Lucia. *Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura*. São Paulo: Paulus, 2003.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. São Paulo: Cortez, 2005.

SENNETT, Richard. *A corrosão do caráter no capitalismo: as consequências pessoais do trabalho no capitalismo*. 17ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2012. P. 21

SOUZA, Celina. *Estado da Arte da Pesquisa em Políticas Públicas*. In: Gilberto Hochman; Marta Arretche; Eduardo Marques. (Org.). *Políticas públicas no Brasil*. Rio de Janeiro: Fiocruz: 65-86, 2007.

SOUZA, Marcelo Lopes de. *ABC do desenvolvimento Urbano*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013. P. 25 e 28

